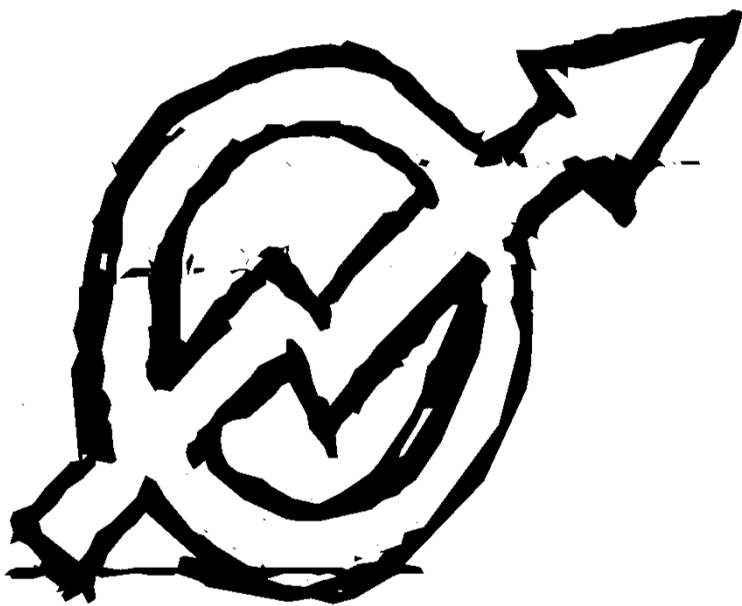




SORUMBÁTICO → MAN

A Ascensão do Anti-Herói



Grandes poderes trazem grandes responsabilidades
de abusar desses poderes

Editora Weoyx

Copyright © 2005 por Cacde Taevuyez

Publicado e revisado pelo próprio autor ao longo de anos.

Nenhuma parte dessa publicação pode ser reproduzida ou transmitida por meio eletrônico, mecânico, fotocópia ou de outra forma sem a prévia autorização do autor.

Edição impressa por

UICLAP EDITORA E DISTRIBUIDORA LTDA | <https://uiclapp.com>

L. Dos Ingleses, 524 – Conj 5, Morro dos Ingleses – São Paulo/SP, CEP 01329-000

Distribuído digitalmente por

CLUBE DE AUTORES PUBLICAÇÕES S/A | <https://clubedeautores.com.br>

R. Otto Boehm, 48 – Sala 08, América – Joinville/SC, CEP 89201-700

E-book (ePub)

Versão gerada mecanicamente através de Convertio© | <https://convertio.co>

Capa

Cacde Taevuyez

Ilustração

Marcio Bertoli | [instagram.com/ilustracomics](https://www.instagram.com/ilustracomics)

Fonte

Against Myself, por Christopher Hansen | <https://dafont.com/profile.php?user=703434>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Taevuyez, Cacde

Sorumbático-man : a ascensão do anti-herói / Cacde Taevuyez. -- 1. ed. -- Florianópolis, SC :

Editora Weoyx, 2005.

ISBN 978-65-00-16896-9

1. Ficção brasileira I. Título.

21-55833

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

INF 460473 | <http://sorumbaticoman.abadium.com>

Dedicado a todos os inquisidores da desgraça alheia.

Sumário

E assim se fez a chama.....	9
Incinerar não é modalidade olímpica.....	X
A fama inflama o ego de quem não merece.....	X
A aragem calamitosa afronta as labaredas da justiça	X
Epílogo.....	X

E assim se fez a chama

1

O ruído agudo da televisão indicava o fim da transmissão, repetitivo o suficiente para sangrar o cérebro de quase toda criatura desprova de constituição genética apropriada.

— Roeh! Seu imbecil! — gritou furiosa ao pé do ouvido do dorminhoco, despertado de seu sono, cujo sonhos o levavam para lugar algum.

Num sobressalto, Roeh caiu do sofá, de rosto no chão de taco, quase abatendo Brioso, ou conforme sua irmã dizia, *Senhor Brioso*; um belo e manhoso gato angorá laranja, que em um súbito reflexo, saltou antes de ser alvo da avalanche de carne humana.

Roeh tinha estatura baixa demais para sua idade, sendo seus 1,68cm motivo de piada entre os colegas, a qual tinham em média, 1,78cm à – *acreditem* – dois metros de altura. Seu cabelo curto, castanho e bagunçado denotava pouco apreço pela aparência. Em teoria, deveria estar no ápice de sua condição física, mas a preguiça o realocava numa categoria inferior, precisamente, no chão, aos pés de sua irmã.

— Qual é teu problema, garoto? São quatro da madrugada e você fica com essa droga de televisão ligada, sem nada passando? Lá do meu quarto eu ouço esse chiado terrível!

— Ah, Syl. Dá um tempo. Eu estava dormindo e a esqueci ligada. Não precisava me assustar deste jeito. — esclareceu Roeh com voz embriagada de sonolência, levantando-se sacudindo a roupa.

— Acontece que você faz isso quase todos os dias! — afirmou Syl.

Roeh torceu o nariz.

— Ah, e por que não vejo você vir aqui me elogiar quando eu NÃO faço isso? Maldição! Você e a mãe só sabem ver meu lado negativo.

— Isso porque seu lado positivo também é negativo, irmãozinho. — respondeu a garota.

Syl não era irmã perfeita, entretanto, por ser primogênita, havia criado consciência dos deveres de cada um, e tão logo iniciou os estudos no ensino médio, tratou de arrumar um trabalho de meio período para ajudar a sustentar sua futura faculdade, destino esse a qual sequer passou pela mente de Roeh e sua sedentária vida frente à televisão. A garota era admirável. Tinha invejáveis 1,76cm – *Roeh detestava isso* – e peso belamente distribuído pelo seu bronzeado corpo. Seus cabelos eram uma cachoeira negra escorrendo por uma sinuosa montanha. Apesar de estarem soltos, na maioria das vezes, Syl ocupava-se em fazer uma longa trança. Com seus atuais dezoito anos, a vaidade era uma religião. Todos os dias, tanto de manhã quanto antes de dormir, o *ritual de embelezamento*, como Roeh chamava, mantinha-se constante. Os olhos verdes, herdados de sua mãe, em conjunto à beleza, fazia Roeh considerar que tudo de bom foi usado para confecção da irmã e os restos da criação se aglomeraram, formando uma segunda forma de vida.

— Trate de ir dormir numa cama feito uma pessoa normal, Roeh.

— Tudo bem. Não precisa ficar esquentando a cabeça com isso.

Syl desaprovou com um suspiro enquanto acompanhou a múmia voltar ao sarcófago. Rixas entre irmãos existem e podem ser bem catastróficas, mas a relação de ambos sempre foi ótima, pois o gênio sereno da menina não colidia com a mente avoada de Roeh.

Terminado o sermão, Syl o seguiu silenciosa com suas pantufas de coelhos que sorriam de algo engraçado. Subiu as escadas, deslizou pelo corredor e avistou a porta entreaberta do quarto do irmão. — *ele nunca se lembrava de fechá-la.* — Encostou-a e seguiu para seu dormitório.

Roeh sequer trocou de roupa ou ajeitou os lençóis da cama. Tombou de cara no travesseiro na esperança de dormir por horas, mas num piscar de olhos, o despertador apitou. Roeh resmungou e calou-o com um tapa desajeitado. Minutos depois, sua irmã abriu a porta e deu o primeiro dos cutucões necessários para levá-lo do túmulo.

Era fácil sobreviver ao chamado da irmã, afinal, ela tinha seus compromissos e logo não teria tempo para retornar. Sua mãe, da cozinha, podia ser ignorada devido à distância. No entanto, quando seu pai terminava de fazer a barba e vestir-se socialmente, não havia desculpas. Ou se levantava, ou sofreria as consequências. *Cinco minutos, Roeh*, era o jargão ameaçador do pai.

Semelhante a um zumbi invocado por macumba malsucedida, Roeh desgrudou-se da cama com esforço e rastejou até a cozinha para tomar café, sendo açoitado pela inquisição familiar. Segundos depois, Anna, amiga de Syl, entrou pela cozinha cumprimentando todos. Era costume sempre vir neste horário para buscar Syl e irem juntas para a escola.

Roeh notou o gato o encarando com desdém.

— Esse gato me entedia!

— Não fale assim com o gato, Roeh. Ele tem sentimentos! — disse sua mãe.

O desprezo continuou estampando seu rosto.

— Alguns países comem gatos...

— Roeh! — advertiu sua mãe.

— Mãe. Esse gato não tem sentimentos. É apenas um animal peludo e estúpido. Não serve para nada. Só dorme, rasga os sofás, caga e espalha pelos. Tudo bem ser fofinho e amoroso, mas e daí? Texugos também são, e nem por isso temos um.

— Tirando o rasgar do sofá, o comportamento do Brioso não é diferente de você, Roeh — ironizou Syl.

Sua mãe chamou-lhe a atenção, sempre com os mesmos dizeres sobre os sentimentos do felino. Para piorar a situação, o gato encontrava-se junto a seus pés, com olhar melancólico.

— Veja só. Brioso está triste. — lamentou a mãe.

Roeh suspirou.

— Gatos são seres maquiavélicos, usuários de sua bela construção física para manipular donos e conseguir mimos necessários. — comentou o garoto.

O gato sabia fingir tristeza, afrontando Roeh para um duelo. Para sua infelicidade, a voz de sua mãe badalou em sua cabeça.

— Peça desculpas para Brioso, Roeh.

— Ân? Sem chance. Eu não vou pedir desculpas para um gato! — disse num estado catatônico, enquanto dividia a atenção entre o animal e sua mãe. — Pode esquecer!

— Ele é tão fofo, Roeh. Por que fala essas coisas horríveis? — questionou a mãe num tom tristonho.

— Mãe, se é para ter um bicho peludo e fofo, troquemos por um ornitorrinco, que além de tudo, bota ovos.

— Ovos? — indagou Anna.

— Sim, ovos. Ornitorrincos botam ovos.

— Sério? — perguntou a garota, curiosa.

— Claro. E sabe por que você não sabe? Porque quando a professora estava explicando, você estava comendo salsichão e não aprendeu coisa alguma. — respondeu Roeh de forma ríspida.

— Filho, não exagere. — disse a mãe de Roeh enquanto pegava Brioso do chão e fazia carinho.

— Mãe, a morte roça entre suas pernas e pede leite.

— Que horror. — repeliu Syl com aversão.

— Vamos, filho. Chega de falar bobagem e peça desculpas para Brioso. — estendeu o gato, deixando-o frente a frente com Roeh.

O garoto cruzou os braços em negação e foi açoitado pelo silêncio condenatório. De soslaio, observou sua irmã passar manteiga num pedaço de pão enquanto seus olhos diziam *esse não tem salvação*. Do lado de Syl, Anna fitava estarrecida para cestinha de ovos, se perguntando se eles não vinham da galinha. A sua frente, Brioso parecia dizer: *vamos bonitão, pois ainda tenho algumas felinas para copular*. E segurando-o, sua mãe e seu cintilante sorriso dizendo: *não me desaponte, filho*. No fim de sua panorâmica inquisidora, encontrou a esperança. As *mulheres* da casa não iriam vencer esse páreo, não enquanto o homem da casa, o líder da família estivesse ali. Roeh esbanjou um sorriso confiante para com seu aliado, o qual compreenderia que pedir desculpas para um gato era absolutamente...

— Peça desculpas para o gato, Roeh. — brandiu a imponência de um pai carrasco, descendo o machado da ordem até sua cabeça. Era a palavra final e contestar seria suicídio. Até sua irmã sabia disso, e por isso, riu discreta.

Sentiu-se um comediante num palco prestes a fazer uma apresentação para meia dúzia de pessoas que não pagaram para estar ali. O gato aguardava em tom de deboche. *Vá em frente, humano. Peça desculpas para o felpudo aqui... Miau.*

Era ridículo, ser obrigado por sua família a pedir desculpas para um animal, pensou Roeh. Elevou sua postura de

um grande revolucionário prestes a dar início a uma sanguinolenta guerra contra ditadura familiar, porém seu ego tropeçou no olhar de carrasco do pai, a qual dizia: *cinco minutos, Roeh*.

Baixou os ombros em desânimo, pois a guerra havia terminado.

— Desculpe. — a voz saiu inaudível, engasgada.

— Eu não consegui ouvir direito. E você, pai? — provocou Syl, quase causando a explosão raivosa de Roeh. Na tentativa de acabar com aquilo rápido, desculpou-se com o gato com uma voz limpa e audível.

— Me desculpe.

O gato resmungou agradecido. Ao ser colocado no chão, roçou entre as pernas de Roeh e seguiu com seu andar saltitante para sua almofada.

Terminado o show de horrores, Roeh pegou sobre a mesa um pedaço de bolo e comentou em tom sarcástico:

— Estou indo, *família*. Nunca desejei tanto a escola. *Adios*.

Retirou-se da cozinha e ignorou a carona oferecida pelo pai. Não, Roeh não aceitaria, não depois daquela traição frente às mulheres. Num minuto atrás o estava sentenciando a humilhação e segundos depois, oferecia carona? *Ah, por favor*.

Ir a pé para escola sempre foi um dos primeiros desejos de Roeh, e o único impeditivo era a preguiça. Sua disposição ao acordar desaparecia ao pisar na rua, acompanhado de uma moleza incontrolável.

Contemplou sua casa, branca com janelas quadradas e compridas. *Arejava o ambiente*, dizia sua mãe. Havia na frente um jardim pequeno e simples. Do lado direito existia um corredor até o quintal, onde havia um amplo gramado com arbustos e flores plantadas com tanto esmero, que Roeh se assustava com a dedicação da mãe para com as plantas. Se chovesse, lá estava a Dona Flora acudindo as pobrezinhas.

Fechou o portão e caminhou numa morbidez digna de estender a mão e receber um trocado. Seu vizinho, além de um detestável morador, possuía um estúpido, ignorante e faminto cão de estimação chamado Dentinho. Apesar de morar naquele bairro desde sempre, Roeh sequer teve um dia de sossego. Todo santo dia, ao passar à frente da casa, o cão resolvia aparecer, isto é, se não estivesse à espera, sedento por um petisco.

Poderia dar a volta no quarteirão e chegar até o ponto de ônibus à uns setenta metros de sua casa, mas a morosidade era tamanha, que optou por arriscar, acreditando na mudança.

Obviamente, não mudou.

Dentinho avançou na direção da perna de Roeh, o qual desviou por centímetros da abocanhada, tropeçando e cambaleando, usando o impulso para se alinhar e fugir. O pior dessa fuga não era o cachorro, e sim o vizinho na sacada, nu, caneca de café e um jornal na mão, apreciando a *atração matinal*.

Roeh sempre corria até a primeira esquina, local onde o cão deixava de ir atrás, pois ali terminava seus domínios, e estando além dessa fronteira, o cachorro e o vizinho seriam animais felizes.

Deixando pensamentos vagos de lado, Roeh ajeitou sua roupa, limpou o suor da testa e tomou uma postura de imperador dos mundos e...

— Roeh, seu idiota. Você esqueceu sua mochila em cima do sofá. De novo! — dizia a provocativa voz de Syl ao passar ao lado com Anna, destruindo seu momento de glória.

Logo, a postura de imperador deu lugar ao corcunda de Notre Dame.

De posse de sua mochila – *claro, após retornar para sua casa e correr outra vez do cachorro do vizinho* – Roeh retornou ao ponto onde havia sido interrompido por sua irmã.

— Bem, agora é me apressar para não atrasar. — disse caminhando em passos largos. Durante o trajeto, parou para apreciar o espantoso malabares de semáforo com pênis de borracha, feita por um artista de rua a troco de centavos. Os membros voavam alegres naquela paumolecência cativante.

— A arte urbana é tão disruptiva! Impressionante. Esse merece um troco. Deixa ver quanto tenho no bolso... — nesse instante, o ônibus passou.

— Fiá da puta! — mesmo se alcançasse, não teria conseguido entrar, visto a face maligna do motorista demonstrando divertimento com aquilo. Não bastando isso, avistou sua irmã entrando no carona de uma outra amiga.

— Boa caminhada, irmãozinho. — provocou a menina, sem ao menos um convite.

Roeh se sentou na calçada e esperou. Para sua alegria, um segundo ônibus vinha em sua direção. Por ser horário de aula, existia uma frequência maior de transporte público. Levantou-se e fez sinal. Entrou, passou a catraca e pesquisou um bom lugar. Andou até um dos últimos bancos e sentou-se, colocando a mochila no colo e sorriu pensativo:

— *Quem diria. Anos e anos pegando um ônibus num determinado horário, sem saber que vinha outro logo atrás. Posso acordar até mais tarde. Isso é magnífico.*

Seu devaneio é interrompido pela tortuosa aproximação de uma obesa criatura decidida a ancorar ao seu lado, esmagando-o no canto. Seu traseiro era digno de se pagar duas passagens, pensou. Desviou o olhar e cruzou a visão com um garotinho de óculos fundo de garrafa e cabelo desgrenhado.

Estava sentado três bancos à frente com as mãos apoiadas no encosto. Metade do rosto escondido.

Roeh acenou com sorriso amarelo – *pronto, te notei. Agora sugue esse ranho do nariz e toca tua vida* –, mas o garotinho não o fez. Permaneceu imóvel, vidrado em Roeh, cuja impaciência aflorava. Desviava a atenção para os lados, respirava fundo, sentia o suor e o calor lhe tomando o corpo. Queria pegar aquele moleque pela cabeça e enterrar no chão igual a um avestruz, mas ponderou tratar-se apenas de uma inocente criança... *Inocente o inferno!*

— Perdeu algo, moleque? — disparou Roeh.

— Estou olhando para você, seu *biesta!* — sim, o garotinho forçava a palavra *besta* para *biesta* propositalmente.

— Besta, eu? — a vontade era retrucar no ódio, mas aquele pobre garoto não deveria ter acima de oito anos, e desconheceria qualquer palavrão.

— Seu tonto. — repetiu o moleque num gesto provocativo, causando inquietação em Roeh. Odiava ser encarado. No ápice de seu agastamento, seu lado pitoresco flagelou os ouvidos da criança:

— Se eu sou tonto, você é um montão assim bem grande de cocô. — as palavras de Roeh foram lâminas ceifadoras de infância aos ouvidos do garoto.

— Monte de cocô? — repetiu o garotinho receoso.

— Sim, cocô. Merda. Bosta. Seu bostinha. E se eu prestar atenção, vejo milho, casca de feijão e até mesmo uns cogumelos nascendo. — completou Roeh em tom diabólico suficiente para aflorar o ímpeto divino de um exorcista. As lágrimas inundavam a face do pimpolho na proporção do aumento da satisfação de Roeh.

— Buá! — berrou o garotinho, fazendo Roeh e todos do ônibus pularem de susto. A mulher gorda ao lado se afastou por não suportar a gritaria digna de atenção, afinal, quem poderia

acreditar que o som de gralha vinha de um ser humano tão pequeno?

— *Paiê!* Aquele bobo me chamou de bostinha com milho!

— Pai? — questionou Roeh, notando um homem robusto de cabelos compridos lhe direcionando a atenção, fazendo brotar um misto de pavor e arrependimento.

— Quer dizer que meu filho é um monte de merda, não é? — afrontou o homem.

— Err, não foi bem isso que eu quis dizer... — mal teve tempo de terminar a frase e a campainha do ônibus tocou. O motorista parou no ponto e abriu as portas à espera do passageiro descer. E desceu. Roeh foi arremessado feito um saco de lixo dentro de uma caçamba disque-entulho.

— E agora, quem é o monte de bosta? — dizia em meio a histeria da criança, trocando o choro por urros de vitória enquanto a porta se fechava. Roeh saiu do entulho aos resmungos, removendo com desgosto a poeira, pedaço de papel higiênico, absorvente, camisinha usada e algumas cascas de fruta podre. Era incrível o mal uso das caçambas de entulho naquele bairro.

— Maldição. Quem precisa de ônibus? Posso ir a pé! Várias pessoas fazem isso! — procurou a sua volta e não havia ninguém. Por fim, o corcunda deu o ar da graça e acompanhou Roeh até a escola.

A pé.

O estado de conservação da escola era de caráter duvidoso, com sua fachada fantasmagórica, reflexo do descaso político com a educação municipal. Enquanto houvesse teto, água e merenda, funcionaria. E como toda boa – *ou má* – escola, sempre há um mal – *realmente mal* – inspetor de alunos, cuja profissão é perturbar a vida alheia dos atrasados, semelhante a Roeh, que chegara ao portão vinte e cinco minutos além do permitido.

— Ei, Joh! Poderia abrir o portão para mim? — disse Roeh ofegante, com as mãos apoiadas nas grades, prestes a desmaiar de cansaço por ter percorrido vários quarteirões.

O inspetor ouviu o chamado e se apressou a atendê-lo. Se aproximou, retirou um molho de chaves, escolheu a responsável pela fechadura e num gesto sádico deu uma volta adicional no trinco.

— Menino, o horário de entrada é às sete e meia, com uma tolerância de dez minutos.

— Mas eu só atrasei... — tentou justificar, mas Joh interrompeu. — Qual parte do *tolerância de dez minutos* você não entendeu? — a perplexidade pairou sobre a face de Roeh.

— Escuta aqui, inspetor, eu... — sua nova tentativa de diálogo foi suprimida pela rouca voz de Joh — Com licença, mas tenho outros assuntos a resolver. Volte amanhã!

— Voltar amanhã? Isso aqui é uma escola e não o SUS! Volte aqui! Inspetor Joh! — o inspetor havia se distanciado, ignorando os lamentos. Roeh sacolejou a grade de raiva. *Ninguém dobrava o inspetor Joh*, diziam.

— Não dobro, mas posso contorná-lo. — pensou. Não iria retornar para casa depois daquela humilhação. Não mesmo. Entrar tornou-se uma questão pessoal. Afastou-se do portão e percorreu a grade até dobrar a primeira esquina onde não havia ninguém. Acompanhou Joh em seu trajeto até uma sala, e assim que desapareceu, agarrou as grades e escalou igual aranha,

ultrapassando a parte superior, girando por cima e caindo dentro da escola.

— Volte amanhã, não é? Teu cu. — atravessou o gramado até a quadra de esportes, e de lá seguiu pela passarela interligada as salas. Caminhou com ar de superioridade, pensando em seu nome eternizado na escola, sendo conhecido como o herói que enganou o inspetor. Sim, seria lendário. Isso o tornaria um...

— Moleque safado! — berrou o inspetor.

— Puta que pariu!

— Volte aqui!

Roeh fugiu subindo um lance de escadas levando-o até o piso do ensino médio, e de lá seguiu para a biblioteca. Seu frenesi aumentava com a sensação de estar preso num filme de terror, afinal, o inspetor corria além do que sua idade e seus seis pinos no pé permitiam.

Rastejou entre as estantes de livros e saiu pela porta oposta, escapando da perseguição, afinal, a sala de aula seria o porto seguro do dia. Recheado de egocentrismo, entrou em sua sala e deu de cara com o silêncio. A professora estava com cara de poucos amigos.

— Err... presente?

— Roeh. Está atrasado para a prova. — disse a professora.

— Prova?

— Sim, prova.

Havia um sistema bem comum para avaliar o rendimento de seus alunos. Após uma jornada de aulas e trabalhos, a escola reservava uma semana toda para a execução de testes. Era uma forma de tornar as atividades regulares. A aprovação dos alunos era magnífica, exceto para os retardatários a qual Roeh fazia parte. Mesmo com os cartazes e avisos em sala de aula, havia se esquecido, e agora, em plena segunda-feira, atrasado e pós-

perseguido, era obrigado a responder perguntas de *sabe lá Deus de quê*.

— História, Roeh.

— Como?

— A prova é de história.

— Ah, sim. Claro. Passado, presente e futuro. — concordou sem entusiasmo.

— Vá para seu lugar e comece.

— Tudo bem. — caminhou até sua mesa sob o flagelo da reprovação dos colegas de sala. Sentia-se num corredor da morte, caminhando para a cadeira elétrica onde teria o seu fim inevitável. Porém, ao notar o estilo de prova na mesa do vizinho, um sorriso lhe brotou a face. Provas de múltiplas escolhas eram fáceis de resolver, pois bastava chutar a questão caso não soubesse, diferente de uma dissertativa. Tirou a mochila dos ombros e pegou uma caneta. Sentou-se na cadeira, não um condenado a morte, e sim um rei em seu trono prestes a assinar tratados importantes para o bem-estar na nação. Estalou os dedos confiante e respondeu a prova com avidez, causando estranheza em todos.

Da última vez que se esqueceu de uma prova, Roeh saiu correndo da sala e rolou escadaria abaixo. Escapou das provas em razão dos sete dias hospitalizado. No fim, fez as provas, mas havia ganhado uns dias de vantagem para estudar. Proposital ou não, ninguém soube. Todavia, naquele instante, Roeh estava calmo, centrado e confiante. Respondia de forma voraz e em instantes, junto com outros alunos, levantou-se de sua cadeira, pegou sua bolsa e caminhou para a mesa da professora com a aura de um guerreiro.

— Aqui está, professora! — entregou a folha — Espero não ter atrapalhado sua aula por chegar atrasado e ...

— Dois.

— Oi?

A professora fez uma rubrica na prova e passou-a para Roeh.

— Dois.

— Dois? Eu respondi todas! — e antes de evoluir sua indignação, a professora repetiu impaciente.

— Apenas duas certas. As outras erradas. Nota dois. — ela sorriu — Nos vemos na recuperação, Roeh.

Dessa vez, Roeh não havia sentenciando-se a morte, e sim garantido vaga no purgatório. Estava de recuperação e isso só dizia uma coisa. Sem férias, sem mesada ou qualquer outra regalia. Seus pais eram bem rígidos quanto ao aproveitamento escolar e uma notícia destas não teria boa repercussão.

— Eles não precisam saber ainda. — pensou enquanto caminhava cabisbaixo pelo corredor, quando a voz irritante de Syl zuniu em seu ouvido.

— Ficou de recuperação em história. O pai vai acabar com você. — zombou a garota junto aos risos de suas amigas.

— De que forma ela descobre as coisas? Que droga.

Sua manhã estava um desastre. Perdeu o ônibus, foi jogado numa lixeira, pediu desculpas para um gato, levou bomba numa prova e por fim, estava prestes a tomar uma bronca quando chegasse em casa. Era azar demais para uma só pessoa. Pelo menos, após a prova, podia ir embora para no máximo, enfrentar os sermões dos pais.

Para encerrar sua manhã, um gato remexeu dentro de seu estômago. Concentrou-se no sacode da barriga a espera de uma segunda contração, a qual veio forte, seguida de um ronco úmido de lavagem de porco sendo despencada do alto.

Roeh odiava cagar fora de casa, e se fosse humanamente possível cagar para dentro, o faria. No entanto, a erupção era iminente. *O carcará*, dizia seu avô, *estava colocando o bico para fora*. Às vezes, essas cólicas horríveis eram frutos de gases, a qual um peidinho curto e controlado aliviaria a tensão. Estava

longe de casa e correr não era uma opção. Mas quando as portas do olimpo se abriram, ele sentiu: *o caldinho desceu.*

Aos prantos e suando frio, chegou ao banheiro. Seguiu em passos dolorosos até a última cabine, andando igual a um pinguim parindo uma melancia. Abriu a portinhola, entrou, fechou, desabotoou as calças, que naquela hora parecia algo tão complicado de se fazer, arriou-as, tocou a louça fria e o mundo escureceu.

Uma majestosa floresta cintilava junto a alegres borboletas rodeando uma linda rocha, cuja abertura sugestiva esguichava uma cristalina cachoeira, desaguardo num paradisíaco e transparente lago, exalando um perfume de BOSTA. A floresta escureceu num marrom turvo de sulcos esverdeados. As árvores, ao invés de frutas vermelhas e doces, eram escuras e azedas. A rocha sugestiva despejava um viscoso achocolatado com flocos, desaguardo numa onomatopeia pouco atraente.

Sua imaginação se desfez quando o derradeiro espasmo expeliu para fora de seu corpo a última manifestação mefistofélica estomacal. O primeiro ofegar foi de alívio e satisfação, transformando-se em pânico ao notar apenas um rolo de papelão vazio. Só havia uma coisa a fazer: mudar de cabine. A complexidade estava no levantar-se, afinal, sem o coágulo da merda fresca, estaria sujeito a excesso de material orgânico escorrendo pela perna. Não podia também levantar as calças ou iria sujá-las. A única maneira era abrir a portinhola e rastejar de cócoras até a cabine ao lado, mas na metade do caminho, o terror se iniciou.

A sineta do intervalo tocou junto a histeria das crianças brincalhonas, preenchendo os corredores de trevas e agonia. Roeh fez o que qualquer um em sua situação faria.

Ele gritou.

O diretor aguardava em sua mesa, rodando uma caneta entre os dedos. Tomou um gole de café e suspirou rodopiando a cadeira para ver a paisagem através da janela. A descarga do banheiro irrompe sua meditação, seguido de Roeh e sua cara da derrota, trazendo consigo uma rabiola de papel higiênico preso no tênis. Chamou Roeh com as mãos, e quando este sugeriu sentar-se, o diretor fez um sinal de negação.

— Pode... — fez uma pausa — Pode ficar em pé mesmo, Roeh, serei breve.

Desajeitado, Roeh encarou o chão.

Não havia nada para ser discutido. Sabia da sua responsabilidade na guerra de papel higiênico oriunda da cagada colossal, e portanto, a conversa foi rápida.

— Então, Roeh.

— Sim, eu sei...

Silêncio.

— Ok, pode ir.

— Obrigado. — Roeh agradeceu e dirigiu-se para a saída. Antes de fechar a porta, o diretor pigarreou apontando para o papel grudado na sola.

Um alívio lhe tomou o corpo ao sair da diretoria, durando dois segundos, pois no terceiro, um berro familiar lhe chamou a atenção.

— Moleque safado! — era a voz do inspetor Joh.

— Deus, de novo!

Para completar seu dia, Roeh saiu da escola da mesma maneira que entrou.

Correndo.

Por volta de meio-dia, Roeh rumava para sua casa, comparando sua horrorosa manhã com o confronto dos pais, que a essa altura, e graças à Syl, saberiam da reprova em história. Imaginava a figura do pai, com um cinto na mão e a mãe, ao lado, com um semblante reprovador, além de claro, a própria Syl, rindo ao fundo junto com o encapetado gato.

Porém, ao chegar em casa, não encontrou a cena apocalíptica esperada. Seu pai estava lendo na mesa de jantar. Da cozinha se ouvia os ruídos do almoço. Não havia, a princípio, sinal de Syl nem do gato.

Talvez a sorte estivesse ao seu lado.

Subiu as escadas e deu de cara com um fantasma.

— Syl! — disse Roeh assustado. O silêncio mórbido da garota gerou calafrios. Daquela face sombria, um sádico sorriso surgiu no canto da boca.

— Três... dois... um...

— Roeh! — gritou o pai.

— Maldita!

— Não me agradeça, bocó.

Syl desceu as escadas rindo baixo.

Roeh largou a mochila na escada e desceu até onde o pai estava. Em sua mente, vislumbrou o pai abaixando o jornal, pegando um cutelo e esquetejando-o, fritando no óleo para tirar o cheiro, e vendendo para a fábrica de adubos.

— Roeh.

— Sim, pai.

— Após o almoço você vai até a casa de sua avó ajudá-la no mercado.

— Mercado? Com a vó? — respondeu com indignação — Qual é pai. Fazer compras com ela é tedioso igual enterro de indigente. Ela leva horas observando a composição química dos

produtos nas prateleiras e... — seu pai dobrou o caderno de esportes e suspirou.

— Devia ter pensado nisso antes. Sua irmã me falou sobre sua prova.

— Desculpe. — lamentou Roeh.

— Prova que você, além de não nos avisar, foi mal. É até irônico repreender você por não nos avisar da prova. Você mesmo não se lembrou, não é? — concluiu o pai.

— Desculpe pai. Eu não vou fazer isso de novo.

— Eu sei.

— Prometo estudar e recuperar essa nota.

— Acredito em você.

— Posso ir?

O pai desferiu uma visão obscura, acuando Roeh.

— Claro. Para a casa de sua vó, ajudá-la com as compras.

— Mas pai!

— Roeh, você ouviu seu pai. — dizia sua mãe da cozinha. Era o dom das mães saber dos assuntos mesmo estando entretido nos afazeres domésticos. Talvez conversar com as vizinhas desenvolvesse algum tipo de habilidade.

— Droga! — Roeh deixou o local ignorando o chamado da mãe para o almoço. Havia perdido o apetite. Queria sair daquele lugar o quanto antes. Subiu as escadas carregando consigo a mochila. Entrou no quarto, arremessou-a na cama e saiu bufando feito um cavalo selvagem. Lá de fora ouviu sua irmã gritar da janela.

— Roeh. Não se esqueça de me contar depois quais as novidades do mundo fantástico das pomadas para hemorroidas! — e disparou a rir.

Apesar da raiva, Roeh não se incomodou com a provocação da irmã, afinal, ela não mentia.

A vó era um terror.

— Para uma boa purificação anal, é imprescindível a utilização de Alegrróidas Plus todos os dias. Sua fórmula se torna eficaz graças a presença de lidocaína, concedendo alívio imediato a sua cavidade, livrando-o do desagradável desconforto ao sentar-se. O que acha Roeh? — questionou uma simpática voz.

A felicidade tirou férias da face de Roeh.

Ir ao mercado era a apoteose do ódio. Debruçado sobre o carrinho como uma samambaia, Roeh observava o mundano ambiente: mães divagando sobre sabonetes e seus níveis adequados de glicerina; crianças decidindo se a melhor forma de roubar doces é enfiando na bunda, e pais empurrando carrinhos devorando a anca das mulheres. Em meio a normalidade da vida moderna, sobrou para Roeh acompanhar sua avó na difícil tarefa de escolher...

— Pomada para hemorroidas com aroma de hortelã ou amêndoas? — perguntou a senhora num tom despreocupado.

— Tanto faz, vó.

— Não, Roeh. Você não entende nada mesmo, não é? — a velha o apreciava. — Quando for mais velho, entenderá a gravidade das escolhas.

Roeh sequer prestava atenção. Quem diabos se preocuparia com a diferença entre hortelã ou amêndoas? Bunda sentia cheiro, por acaso? Se fosse assim, não seria melhor comprar uma bala de eucalipto, enfiar no rabo e chupar? *Castigo*, diria seu pai, *castigo*.

— Vou levar o de hortelã. — a senhora arremessou uma embalagem no carrinho e seguiu lendo o descritivo de outras duas. — Fala sobre o hortelã conceder o agradável frescor dos campos.

Pelo amor de deus, pensou Roeh. Frescor dos campos? Imaginava a mente do filho da puta redigindo àquelas embalagens.

— Vó, não seria melhor comprar isso na farmácia?

— Ah, Roeh. Prefiro comprar na perfumaria do mercado, pois coloco tudo numa mesma conta. Além disso, aqui tenho privacidade. — explicou ao pé do ouvido.

Roeh desmontou no chão de tanta repugnância. Uma senhora de setenta e dois anos, maluca por textos de embalagens, preocupada com privacidade, segurando *Alegerróidas Plus* e suas letras garrafais metalizadas, digna de um sinalizador de navios. Embora fosse vergonhoso, acompanhar a velha estava sendo divertido.

Dobram a esquina, chegando aos produtos de limpeza, onde a senhora iniciou o ritual satânico de abrir e cheirar um a um até encontrar o desejado ou tombar por excesso de fungada. Roeh riu sozinho ao imaginar a vó caída e o médico ao lado perguntando:

— *O que ela tem?*

— *Está dopada.*

— *Dopada? Ela é viciada? Crack, heroína?*

— *Não. OMO.*

Mas a velha era forte feito um bode e podia passar o dia todo naquela prática.

Roeh passeava entre as prateleiras convidativas, acompanhando as descrições esquisitas: flores do campo, aloe-vera, jasmim e eucalipto. Engraçado como tudo tinha nome agradável. Veja macarrão instantâneo. Se no início era carne e galinha, agora se expandia para sardinha ao sugo e rosbife acebolado com molho madeira. Tudo isso naquele pozinho safado cheio de câncer. Quem compraria um negócio desses? *Muita gente*. É o marketing. Se no rótulo do desinfetante tivesse apenas “cheiro de saco suado”, ninguém compraria. Mas pegar

o mesmo produto e colocar “primavera da juventude” no rótulo dava outra roupagem, mesmo cheirando esterco.

Durante a passagem pelos enlatados, deu de cara com uma promoção: tratava-se de um novo chocolate que, segundo a embalagem, prometia um adorável paladar ao mesclar o doce com o refrescante sabor de menta. Andar com sua avó estava fazendo-o pegar suas manias. O doce possuía um formato sugestivo. Um cilindro de dez centímetros. Imaginava até a propaganda: *dez centímetros de brisa refrescante*. Talvez devesse levar um para sua avó experimentar fosse por cima, ou por baixo.

Sua face empalideceu ao notar sua vó, na ponta dos pés, estendendo o braço para pegar, não um sachê de maionese ou leite condensado, e sim, camisinhas. Roeh correu até lá e questionou constrangido:

— Vó, para que está comprando camisinha?

A velha, com cara sapeca revelou:

— É prático, seguro e higiênico para passar a pomada de hemorroidas.

— E não seria o caso de comprar luvas descartáveis?

— Não preciso de tantos dedos assim.

Roeh azedou e preferiu não aprofundar o assunto. Existia um termo cunhado por sua irmã, chamado de *indução de pensamento*. A habilidade consistia em materializar um pensamento profano na cabeça do usuário, de modo a impossibilitar a desassociação. Imagine sua mãe pelada pulando com os braços para o alto ou seu pai fazendo um pirocóptero em cima da mesa de jantar. Se usado num contexto certo, a associação se enraíza na cabeça da pessoa, causando ojeriza eterna. Apesar de simples, era uma artimanha perigosa, pois podia se virar contra o feiticeiro. E para infelicidade de Roeh – e sua mente fraca – o mestrado de Syl nessa técnica foi adquirido ao concretar na cabeça de Roeh a seguinte indução de pensamento: *tudo que a vó fizer, sua mente vai materializar*.

Desolado e com sua imaginação devastada de imagens hereges, vislumbrou qual seria a expressão da moça do caixa, ao avistar uma senhora com pomada para hemorroidas, pacotes de camisinha e...

— Um chocolate de menta? Deixe-me ver. — agarrou travessa o chocolate cilíndrico das mãos perdidas de Roeh.

— Não vó, eu só estava...

— Ah, chocolate com recheio cremoso de menta. Deve ser muito bom.

Roeh não gostou da voz da vó ao dizer *muito bom*.

— Vou levar um. Aliás, vou levar alguns. Onde foi que você os achou, Roeh?

— Err, melhor não...

— Ah, pare com isso moleque. Ah, encontrei. Volto logo. Atenda o carrinho. — de maneira inocente, a vó de Roeh foi até a cesta central e pegou vários mastros do doce.

Roeh debruçou-se sobre o carrinho, sentindo um alívio por estar num mercado e não em um sexshop.

7

O esfriar da rua durante o pôr do sol era um momento apreciado por Roeh, fazendo-o postergar o retorno para casa. No trajeto, lembrou que precisava falar com seu amigo, Gail.

A casa parecia um acampamento mal-acabado, tamanha eram as plantas em sua volta, mescladas a pintura a qual sugeria um camuflado sem esmero. O telhado, triangular, sustentavam antenas de rádio e parabólicas, cada qual virada para um hemisfério. A frente da garagem semiaberta existia um jipe antigo.

Roeh pressionou o interfone duas vezes e aguardou.

— *Identifique-se!* — berrou a voz.

— É o Roeh.

— *Roeh? O que é Roeh?*

— Amigo do Gail.

— *Ah sim, ele está na garagem. Um momento.*

Uma sequência de cliques e claquês terminou com a abertura do portão, que pedia óleo. Cruzou-o, acenou para a câmera de vigilância e caminhou até o fundo da garagem.

O pai de Gail era um ex-sargento fanático por guerra, mesmo não tendo participado de nenhuma e morando num país com tradição militar zero. Desde então defendia uma teoria da conspiração sobre o mundo ser um antro apocalíptico e só sobreviveriam os protegidos. Devido a isso, tentou sem sucesso transformar sua casa numa espécie de trincheira de alta tecnologia. Havia parafernália mecânica para todo lado. Apesar da loucura, era um homem inteligente e boa parte dos equipamentos eram de sua própria criação. Tanta obsessão teve seu preço: sua esposa o abandonou, ficando com a guarda de Gail por alguns anos, até que se mudou para o exterior permanentemente.

No centro de toda a bagunça havia duas mesas compridas com variados equipamentos. Soldas, maçaricos, torneadores, prensas, esmeril e tudo o que retorcia ferro. Nas paredes, enormes prateleiras de ferramentas. Com cuidado, saltitou pelo emaranhado de cabos de energia entrelaçados. A lâmpada oscilava ao som de marteladas a qual direcionou Roeh através de um lance de armários, revelando seu amigo vergalhando um pedaço de metal aquecido por um maçarico.

— Gail! — gritou Roeh.

— Roeh! — respondeu o garoto com a voz abafada pela máscara de solda. Desligou o maçarico e deixou o martelo de lado.

— E aí, cara, tudo bem?

— Indo.

— Foi fazer compras com sua vó, não é?

— É um martírio.

Uma face jovem se relevou ao retirar a máscara, contrastadas aos cabelos loiros desgrenhados caindo pela testa suada. Os olhos azuis escondiam-se por trás dos óculos embaçados.

— Soube que você levou bomba na prova hoje.

— Sim, mas não há problema algum. Eu me safo.

— Assim espero, pois o ano está acabando e se reprovar em alguma matéria, vai à escola nas férias.

Roeh pensou: *sem chance*, mas Gail pensou: *muita chance*.

— O que está fazendo?

— Ah, isso? — Gail estendeu a mão para a mesa e pegou o pedaço de ferro. — Isso é a lâmina de uma espada!

Roeh não esbanjou o interesse esperado por Gail.

— Uma espada, cara. Forjada no estilo medieval. Igual aos filmes.

Roeh cruzou os braços com desprezo.

— Teu pai tem toda essa tralha do exército na garagem e você fabrica espadas na pancada?

— Não é apenas uma espada, Roeh. Ela é também meu trabalho de ciências. Escrevi sobre a fabricação de armas na idade média e minha apresentação vai contar com uma espada real, forjada a marretadas na bigorna.

— Mas você estava batendo em cima de uma mesa de madeira. — advertiu Roeh.

— O professor não precisa saber disso. — sorriu o amigo.

— Que maravilha. — dizia Roeh analisando a lâmina retorcida.

— Sim, uma maravilha. Mas e o seu projeto? O que vai ser?

— Bom, eu vim por isso. Não tenho nada em mente, e pensei em usar alguma tranqueira daqui.

— Ah, acho que tem um rastreador térmico em algum lugar.

— Ótimo. — concordou Roeh.

— Depois eu vejo com meu pai e levo na escola amanhã de manhã, ok?

— Beleza. Valeu Gail.

— De nada, cara. Agora com sua licença. — baixou a máscara, acendeu o maçarico e continuou a espancar o metal. Roeh acenou e deixou o local com um sorriso de satisfação. Havia tido problemas na prova de história, mas pelo menos, ciências estava garantido.

Roeh e Gail cresceram juntos e frequentaram a mesma sala até o início do colegial, quando se separaram. Mas isso nunca foi um problema, pois um ainda ajudava o outro. A diferença era que Gail tirava boas notas e adorava os trabalhos científicos na escola, diferente de Roeh, que copiaria o manual de uso do rastreador térmico, e entregaria tudo impresso sem ao menos ler.

8

O sol terminava de se pôr quando Roeh chegou em casa, exausto pelo dia terrível. Para sua sorte e alívio, o cachorro do vizinho estava dormindo.

Ao invés de entrar pela frente, deu a volta pelo quintal, encontrando sua irmã e as amigas em torno de uma fogueira, conversando e rindo. O assunto deveria ser bom, pensou Roeh, pois sequer deram conta de sua presença. Entrou pela cozinha,

abriu a geladeira, pegou um iogurte e seguiu até a sala para descansar, contudo, Briosso estava no caminho.

— Qual é. Sai daí, passa, xô!

O gato espreguiçou vagaroso.

— Não quer sair? Para sua informação, minha mãe está no quarto e não vai te proteger! — ao esticar a mão para afastar o animal, foi impedido por uma patada que por centímetros não lhe arrancou um naco da cara. Tentou intervir, mas uma reportagem lhe chamou a atenção: um jornalista comentava sobre a passagem de um meteoro próximo à Terra, seguido de outros especialistas tentando ganhar fama com algo tão insignificante.

— Bah, quem se importa. Fique com essa porcaria, seu gato estúpido.

Estava não só exausto, mas psicologicamente cansado e desanimado com tudo em sua vida dando errado. Convenhamos, Roeh não era nenhum exemplo vivo de bom cidadão, mas estaria Deus exagerando na dose? Abatido até mesmo para dormir, Roeh saiu pela janela de seu quarto e se apoiando no muro, subiu no telhado. um local de refúgio utilizado para os dias de tristeza.

A vista era magnífica. Podia-se ver as luzes da cidade piscando igual vaga-lumes numa floresta escura. Alguns prédios emanavam seus letreiros lembrando gigantes sacolejando lanternas. Logo abaixo, no quintal, ouvia o murmúrio das amigas de sua irmã sob a nuance avermelhada da fogueira junto a fagulhas subindo ao céu. Esse costume da fogueira veio de seu pai, durante as brincadeiras de acampamento, e hoje, Syl resgatava a tradição numa roupagem nova: a de roda de fofocas.

Apesar de perigoso, Roeh adquiriu prática em andar sobre as telhas sem danificá-las. Deitou e firmou os pés na haste da antena de televisão. Assim, mesmo em declive, não escorregaria. Levou os braços atrás da cabeça simulando um travesseiro e fitou o céu estrelado que girava em torno de sua mente, livrando-o dos problemas. Gostava de contar quantos

satélites enxergava numa noite. Talvez fossem óvnis, mas quem liga? E para sua surpresa, a atração da noite era a porcaria do meteoro. E estava lá.

Um brilho do tamanho de uma bola de golfe e uma cauda de poucos quilômetros. Imaginava as barbaridades efetuadas, na crença de se tratar de uma manifestação divina ou alienígena. Se até sua irmã reuniu as amigas, não se admiraria se ouvisse no noticiário algo sobre fanáticos cometendo suicídio, acreditando que a bolota de fogo os levaria para casa. Para Roeh não significava nada e no dia seguinte ninguém mais se lembraria.

A noite ganhou força enquanto Syl e as amigas confabulavam, ao passo que Roeh, em sua serenidade, migrou da sonolência para um cochilinho desprezioso, despertando minutos depois aos prantos, como quem acorda de um pesadelo; e na verdade era, pois, ao cair no sono, sua perna escorregou da antena, fazendo-o deslizar pelo telhado. Tentou se segurar, mas era tarde demais. Roeh despencou de uma altura de seis metros, e o pouso só não foi grave porque na porta da cozinha – *conectada ao quintal* – havia instalado um toldo para os dias de chuva. Aos gritos, quicou no toldo, rodopiou no ar e sob o contemplar assustado de Syl, pousou de bunda na fogueira. Ao levantar, notou fogo nas costas de sua camiseta, obrigando-o a rolar na grama na tentativa de se livrar daquelas labaredas, só atingindo o objetivo com ajuda de Syl, que foi rápida o bastante para puxar uma toalha de mesa do varal e envolvê-lo, abafando as chamas.

— Roeh, você está bem?

Eram raras as vezes onde Roeh sentia aquela voz de preocupação da irmã, e quando acontecia, era pouco duradouro. Dessa vez, durou até descobrir que o irmão estava bem.

A garota se levantou.

— Queimou a bunda, coitado.

As meninas se racharam de rir. Enfezado, Roeh tirou a camiseta queimada.

— Rá, rá. Muito engraçado, Syl.

— Roeh seu imbecil. Uma hora você vai se quebrar todo. Não sei por que subir no telhado. Quem sobe no telhado é gata no cio! — o grupo de meninas desatou a rir.

Era normal. Se alguém cai na rua, há uma comoção efêmera, e tão logo se certificam da baixa gravidade, as piadas vêm em dose alta. Roeh e sua abafada do fogo com o traseiro seria motivo de piada noite a fora.

— Sua imensa bunda apagou nosso fogo, Roeh. Que tal utilizá-la para acender?

Risos.

Descontente, deu de ombros e entrou na casa. Não estava só cansado, mas sim irritado. Nem no seu refúgio tinha sossego. Era a gota d'água. Confrontar demais sua irmã iria levá-lo a uma nova indução de pensamento.

E sabe para onde você deve ir quando seu dia está péssimo? Para a cama, dormir, porque lá, as coisas não se incendiam.

Roeh dormiu ao som histérico da irmã e as amigas, que se divertiam com criativas maneiras de usar a bunda apagador de fogueira.

9

A noite anterior lhe rendeu, além do sarro das meninas, uma forte dor nas costas e no cóccix.

— Roeh! Levante-se. Está quase na hora. — alertou sua mãe da cozinha.

Estava quebrado, sem forças e dolorido. Não queria sair da cama pelos próximos anos. Pensou em contar para o pai sobre

o despencar da noite anterior e assim conseguir um crédito para faltar na aula, mas descartou a ideia. O tiro sairia pela culatra. Além de ir de qualquer jeito, ouviria sermão sobre não-subir-no-telhado e seria recompensado com um dia adicional de caridade com sua vó.

Roeh gritou com a voz fanha:

— Já vou. Já vou.

Se levantou num embalo, olhos inchados e embaçados de sonolência, se sentindo em meio a marofa das boas, tamanha era a neblina no ar. *Deve ser o sono*, pensou. Foi até o banheiro deixando no quarto uma névoa e a cama chamuscada. Após lavar o rosto, notou estar com a roupa do dia anterior. Retornou até o quarto e percebeu confuso os lençóis torrados. Para evitar a fúria da mãe, embolou na mochila, trocou o lado do colchão, mudou de roupa e desceu as escadas.

— Não vai tomar café, Roeh? — questionou sua mãe.

— Não, não estou com fome. Vou cedo hoje.

— Você está bem, filho?

Roeh pensou por uns instantes, ainda norteado pelo sono.

— Claro. Só estou com sono. Só isso.

— Ok. Tenha uma boa aula... — a porta bateu.

10

Ficou estático na calçada, observando idosos em caminhadas matinais e um pai de família acenando para a esposa antes de ir para o trabalho. Apesar de igual, parecia diferente. A sensação era de formigas transitando por sua cabeça recolhendo pedaços do cérebro para o inverno. Lembrou-se do lençol, removeu-o da

mochila e afundou na lata de lixo. Por fim, pôs se a caminhar, acreditando lhe fazer bem.

Para sua infelicidade, pouco antes de dobrar a esquina, deparou-se com a vinda enfurecida de Dentinho, o cão maluco do vizinho. Devido à falta de disposição, Roeh não fugiu. Porém, ao invés de saltar e morder, o cão freou, assustado. Parecia indeciso em morder ou não morder.

— O que foi Dentinho. Algo te assusta?

Dentinho rosnou.

Roeh esbanjou desprezo.

— Cala a boca.

Dentinho latiu ininterruptamente.

— Mandei calar a boca, desgraça! — Roeh caminhou, mas o cão o perseguiu, esbravejando com investidas.

— FICA QUIETO, PORRA! — exaltou nas fuças do cachorro, sob um clarão alaranjado da íris, transformando Dentinho numa bola de fogo. O cão corria em círculos, em latidos chorosos. Desesperado, Roeh desferiu uma bicuda no animal, fazendo a pelota incandescente voar por cima do muro e cair no quintal do vizinho, num último grunhido.

Estarrecido, o fugitivo Roeh andou em passos rápidos, deixando pegadas de borracha queimada, sob a vigília do vizinho, nu na sacada.

Durante o trajeto, notou o malabarista de bengala no semáforo, ainda sem sucesso.

— Talvez pinto de borracha voando deixou de ser novidade nessa cidade. — comentou para si pouco antes de dar um espirro, catalisador do segundo clarão de sua íris, ateando fogo nos pênis de borracha. Mesmo diante da situação, o malabarista continuou os arremessos, aumentando a velocidade para não queimar as mãos. A cena icônica fez motoristas e pedestres baterem palmas para a linda cena circense de pirotécnicas voadoras molengas flamejantes.

Com a mão no rosto e confuso, encostou na parede até se restabelecer, indo para o ponto de ônibus logo em seguida. O veículo chegou; fez sinal; entrou; passou a catraca e sentou-se num banco afastado. Notou estar à dois bancos de distância do garotinho cocô-com-milho do dia anterior, cuja companhia era seu pai carrasco arremessador de gente. Contudo, a preocupação era mínima, pois a exaustão era digna de perder um braço sem sentir dor. Ao reconhecer Roeh, o garotinho iniciou a encarada fatal, pouco duradoura, pois a indiferença causou angústia e raiva.

Indignado, tirou do bolso uma bolinha de gude e acertou a cabeça de Roeh, porém, a dor não venceu seu estado de torpor. Embraveado, o anjinho tira do outro bolso um peão de madeira com ponta de prego. Malevolamente arremessa a pelota na testa de Roeh, o qual parecia não sentir dor, afinal, a fadiga parecia ter desligado seu sistema nervoso para economizar energia. Insatisfeito, o querubim desceu sorrateiro do banco e caminhou pelo corredor, segurando nos suportes das cadeiras até alcançar Roeh.

— Ei!

Roeh não deu atenção.

— Seu bêbado. Acorda! — o alecrim dourado chacoalhou Roeh, o qual demonstrou reação tal qual um boneco de pano.

— Vai ver só! — respondeu o gurizinho. Sugou do seu âmago o puro e consistente catarro, digno de reverência, concentrando a gosma na mão enquanto subia o banco e lambuzava o creme na cara de Roeh.

Quando a hipnose do sono de Roeh sumiu, debateu-se e derrubou o menino. Tentou ajudar, mas foi barrado pelo choro histérico, alertando o pai, que sabia para onde olhar, direto para Roeh, a qual tentava uma segunda ajuda, mas o moleque não parava de esperar.

— Não encoste, porco! Você está com ranho na cara!

Ao se limpar, sentiu a presença do pai fungando no cangote.

— Além de bater em crianças, fica se lambuzando de ranho? Você é retardado?

Ciente de ser arremessado de novo independente da resposta, e ainda afetado pelo sono, dor no corpo e alienação ao mundo, adotou uma postura diferente, de quem não tem nada a perder.

— Vá se foder, seu pau no...

Não precisou sequer completar o *cu* para ser pego pelos ombros.

— Moleque! Vai aprender a não mexer com meu filho e a me desrespeitar.

Sob o urro de alegria do garotinho, Roeh foi suspenso como uma toalha no varal.

— Espero que tenha um bom plano de saúde moleque, porque quando tocar o solo, só restará sua carcaça fedorenta.

A face de Roeh escureceu. Sentia a raiva lhe consumir o corpo, correndo por suas veias, bombeando o sangue da carnificina. A princípio, o pai estranhou a calma de Roeh, mas estava convicto em jogá-lo para fora independente da reprovação dos demais passageiros. Entretanto, o calor de uma chapa quente lhe obrigou a largá-lo. Roeh caiu em pé, cabisbaixo e com o cabelo sobre o rosto. Quando encarou o pai, este pareceu ter visto o inferno.

O ônibus parou no ponto seguinte, mas a porta da frente não abriu, para estranheza daqueles que fizeram sinal. Quem abriu

foi a porta de trás, num clarão dourado seguido de um corpo truculento arremessado, e logo atrás um menor voando feito passarinho. A porta dianteira abriu, e o motorista, vidrado, apenas fez um gesto para as pessoas subirem, sem questionar nada.

12

Para alívio dos passageiros, Roeh desceu na parada próxima à escola, sendo pontual pela primeira vez na vida. Ao entrar, percebeu os alunos revirando desesperados seus livros e anotações. Seguiu até sua sala em silêncio, sentou-se e baixou a cabeça, sinalizando o improdutivo dia.

Em cinco minutos, dormiu.

Estava em pé, numa quadra de cimento, abaixo de uma tabela de basquete retorcida e enferrujada, denotando seu abandono. Não entendia como havia parado naquele lugar, mas sentia um frio na espinha com o assovio do vento, vindo de lugar nenhum. Aproximou-se da grade que rodeava a quadra e a sacudiu inutilmente. Seu pedido de ajuda soou nulo, espantando um pássaro negro que voou em direção ao nevoeiro.

Mesmo tendo a visão limitada pela névoa, sua posição elevada permitiu avistar um homem, de caminhar contemplativo, atravessando escombros do que um dia fora uma cidade, dedicando um precioso tempo diante de um cipreste rodeado por muros, como quem aprecia uma obra de arte num museu, desaparecendo na neblina em seguida. Do lado oposto havia uma silhueta arrastando algo no horizonte. Com a redução do nevoeiro, o indivíduo se relevou: um garoto puxando

com dificuldades um corpo pesado demais para sua idade. Roeh gritou, mas o som não propagava. De uma das rachaduras da quadra, pegou uma pedra e arremessou-a por cima da grade, acreditando chamar a atenção, mas foi um fracasso. Ao sair de suas mãos, a pedra desintegrou frente aos olhos.

Tentou escalar a grade, mas não saiu do nível do solo, pois ela se movia junto. Preso e incapaz de saltar, sacudiu-a enraivecido num ato desesperado, enfiando a mão por uma abertura.

— Ei, você! Me ajude! Me ajude. — gritava Roeh, mas o som não reverberava.

Nesse instante, presenciou maravilhado sua mão esfarelar igual a pedra, sem dor.

Desta vez, o garoto no horizonte o notou.

Roeh tentou retirar sua mão, mas algo o prendia durante a fragmentação. O céu foi coberto por uma cortina de fogo, estendida até o fim do mundo, transformando o ambiente cianótico um fulgor dourado. A todo custo, clamou por socorro, mas o único ali capaz de ajudá-lo, nada fez a não ser dizer:

— O céu está caindo, Roeh... mas eu posso ajudá-lo.

As chamas despencaram do firmamento, cegando Roeh num clarão cataclísmico.

Em seguida, veio o silêncio.

E após o silêncio, seu nome.

— Roeh... — um eco.

— Roeh. — uma voz normal.

— Roeh! — um grito.

O garoto acordou aos prantos, com a cara no chão, encarado por seu professor.

— Roeh! Acorde! — repetiu o homem.

Roeh esfregou a cara.

— Quando vai aprender a ter respeito nessa sala, Roeh?

— Professor, eu...

— Chega, Roeh. Não quero ouvir suas desculpas. Vamos. Só falta você apresentar o trabalho para a prova de ciências.

O pavor do sonho tornou-se realidade.

— Trabalho? Bem...

Devido ao cansaço, havia se esquecido de pegar o trabalho com Gail.

— Esqueci em casa, professor. — arriscou.

— Bom, neste caso, sua nota é zero.

— Zero?! — questionou desesperado. — Professor, eu fiz, é que ontem...

— Não me interessa o ontem. O trabalho foi pedido dois meses atrás. Se não o fez durante esse tempo, um dia extra não resolveria o problema.

— Mas...

— Venho me decepcionando com você há um bom tempo. Seu descaso em minha aula é pura grosseria.

Roeh não tinha argumento e nem disposição energética para continuar com a discussão, restando-lhe assistir o professor sentar-se, e com uma caneta vermelha, riscar o fichário.

— Roeh, você está de recuperação em minha matéria. O resto da sala está livre de ciências. — alertou o professor.

Qualquer objeção teria sido inútil, visto o festejo da sala, tendo como única opção sair com a aura da derrota, antes que o professor resolvesse fazer outra de suas humilhantes declarações.

Deixou a sala sob o semblante pouco amistoso do professor, que dizia *sofra as consequências, garoto*. No corredor, o festejo inacabável dos alunos era ensurdecador. Desviou o caminho e passou frente a sala onde Gail estava com sua saudosa espada medieval sacolejando de um lado para o outro, finalizando sua explicação sobre a fantástica jornada a martelo e fogo. Entretanto, antes de ir pra casa, decidiu comer, pois havia saído de casa com o estomago vazio.

No refeitório, deparou-se com uma grosseira fila frente a cantina, não tão pior quanto a do pão e leite de soja, a qual era duas vezes maior e agraciada com repetentes. Enfiou a mão no bolso a procura de dinheiro e encontrou o suficiente para comer.

Passados vinte e cinco minutos no empurra-empurra, Roeh chegou até o balcão. Era um lugar bonito e bem arrumado. Podia não gastar dinheiro, mas se tratando da sua bombástica segunda recuperação, considerou vagar o máximo que pudesse.

— O que vai ser, garoto? — perguntou o cantineiro.

Roeh analisou os salgados no vidro e apontou para uma esfiha de carne. O cantineiro laçou o salgado com um guardanapo e entregou-lhe. Em seguida pediu um refrigerante. Quando o cantineiro retornou com o produto, Roeh sentiu a garrafa quente.

— Você não tem gelada?

— As geladas acabaram. São dois contos. — cobrou o homem.

— Bah, se é assim eu não quero. — Roeh devolveu a garrafinha.

A mão grande do cantineiro envolveu a de Roeh e a garrafa, e sacou no dente a tampa.

— Ela está aberta. Dois paus! — havia firmeza na voz suficiente para obrigar Roeh a pagar, antes que a próxima tampa aberta fosse sua cabeça. Sentou-se num banco, assistindo o pátio esvaziar com o fim do intervalo, exceto a fila do pão de soja: esta continuava interminável.

O cheiro do salgado entrou em suas narinas e preparou o estômago para a primeira mordida, macia e succulenta. A segunda foi seguida de um gole do refrigerante, que parecia ainda mais quente. Em paz, mordeu uma terceira vez, sendo premiado com um fio grosso e preto.

— Puta que pariu. — cuspiu o pedaço no chão, limpou a boca e fuçou o interior do salgado, encontrando outros.

— Que nojo.

Aproveitou o fraco movimento da cantina para tirar satisfações com o cantineiro.

— Senhor.

— Vá embora. O salgado acabou. — respondeu mal-humorado.

Roeh suspirou e persistiu.

— Não vim comprar nada e sim reclamar.

A palavra *reclamar* não soou bem aos ouvidos do cantineiro, que se debruçou sobre o balcão.

— Meus salgados são ótimos.

— Sim, claro, são bons. O problema é vir com teu saco junto. — estendeu o salgado.

— Não vejo nada.

— Tá cheio de pelos!

O cantineiro enfiou a mão dentro, fispou os fios e puxou até sair por completo.

— Não tem mais.

A expressão de Roeh não foi das melhores.

— Você está de sacanagem, não é?

— Que mal há? Eu tirei.

— O problema não é tirar, mas sim o que era!

— Ah, não seja exagerado. Está dizendo que era pelo?

— Exato! — afirmou Roeh.

O único impeditivo dessa conversa não ter finalizado com violência foi a aproximação de um professor.

— E aí? Vai devolver meu dinheiro ou não? — Roeh retrucou.

— O que está acontecendo? — intrometeu o professor.

Roeh apontou para o salgado e depois para o fio que estava na mão do cantineiro.

— Tinha um pentelho de saco no salgado e eu quero meu dinheiro de volta.

A repreensão na face do professor foi desarmada pela sapiência ligeira do cantineiro.

— Garoto, torno a repetir: isso não é pelo.

— É o que? — questionou Roeh.

— Isto é, bom, isso é apenas um fio do pincel...

Roeh parecia desconfiado.

— Do pincel... — *pausa* — ...usado para passar gema de ovo em cima dos salgados, para dourarem. É isso.

O professor sorriu e tocou o ombro de Roeh.

— Não é para tanto, certo garoto? Se é fio do pincel culinário, então é limpo. — deu dois tapinhas amigáveis e afastou-se.

Roeh estava perplexo com a existência de alguém tão cretino. Quando o professor deixou o local, o cantineiro mudou a expressão.

— Agora, suma daqui.

Não era um bom dia, e Roeh não desejava estendê-lo. Ignorou a discussão e retornou ao banco, encontrando sua garrafa de refrigerante tombada por um cachorro lambão.

— Pelo menos alguém tem sorte aqui. Tome. — Roeh jogou o resto do salgado. — Bom lanche, amigo.

Caminhou até o portão, mas não conseguiu abrir devido ao cadeado.

— Moleque! Tentando fugir? Ninguém foge da minha escola! — berrou o inspetor Joh, chamando a atenção de Roeh.

— Porra! Quando tô atrasado, não me deixa entrar. Quando quero sair, me prende. Sem chance, Joh.

Roeh fugiu para o lado oposto, atravessando latões de lixo e dobrando a esquina, por detrás de um prédio usado como guarda-volumes, mas para seu azar — *se não fosse o bastante por um dia* —, era o fim da linha. Havia uma grade impedindo-o de chegar até a rua. Além de alta, era protegida com arame farpado.

— Calma lá, Joh! Estamos em semana de prova e por isso posso sair cedo! — explicou Roeh.

— Os outros alunos, sim. Você, não.

— Ontem eu saí cedo e você não me perseguiu! O que mudou em um dia? — antes que Joh pudesse formular algo, Roeh soube a resposta ao avistar seu professor de ciências acompanhando toda a ação pela janela.

— Filho da puta!

— Hora de voltar para sala, moleque!

Roeh encostou na grade e pensou: *agora eu estou perdido. Se me pegar, vai chamar meus pais, que além de me baterem, vão descobrir a segunda recuperação, e eu vou passar o resto da minha vida fazendo compras com minha vó.* Com as mãos agarradas firmes na grade, desejou cederem. E cedeu.

A grade em suas costas rasgou e derrubou-o de costas para o lado de fora. Levantou e fugiu assustado sob a admiração de Joh que, ao invés de correr atrás, observava a grade em brasa no chão, recortada no formato exato da silhueta de Roeh.

— Moleque safado.

13

Roeh atravessou aos trancos uma avenida em passos frenéticos, até esconder-se num terreno baldio, local este usado como depósito de lixo dinâmico, pois bastava arremessar o dejetto por cima do muro. Deitado na beirada desmatada havia um mendigo intrometido.

— Mininu!

Roeh fitou de soslaio.

— O que?

— Mi emprexta fogo?

— Fogo? Que diabo fogo? Eu não fumo e não tenho isqueiro comigo.

— Comu axim? — resmungou o mendigo enquanto mascava a ponta de seu cigarro de palha. — E ixo aí na tua mão é u que?

Roeh vislumbrou abismado seus dedos incandescentes. Desesperado, sacolejou a mão até extingui-lo.

— Oia, bélu truqui, mininu. Mas venha, acenda a palhinha aqui pro mindingo...

— Agora não! — berrou Roeh afastando-se para o fundo do matagal que clamava por uma poda. Apoiou-se no muro pichado e encarou suas mãos com receio.

— Que é isso, caramba? — molhou os lábios. — Por que isso está acontecendo comigo? — uma confusão mental lhe tomou os pensamentos, alocando peça por peça de suas lembranças até formar uma linha de raciocínio coerente: a cerca na escola se soltando, o sonho estranho com o céu de fogo, o surto no ônibus, o refrigerante esquentando e o cachorro do vizinho se transformando numa pelota de fogo. Algo havia mudado.

— Será que é esse o motivo de estar cansado desde cedo? Estou morrendo? Pegando fogo? Mas... — apontou as mãos para a parede, mas nada ocorreu. Balançou para cima e para baixo durante alguns segundos, sem sucesso.

— Qui doidera é exa? — perguntou o mendigo ao ver Roeh mover os braços, arremessando algo invisível. O garoto não deu atenção e continuou a gesticular, agora com gritos.

— Acende! Acende, porra! Queima!

Curioso, o mendigo comentou através de sua empalhada barba esbranquiçada.

— Mininu. Tu tá bêbado é? Vô chamá a puliça!

— Cala a boca! — retrucou Roeh irritado não pela perturbação e sim por não conseguir replicar as chamas. Pegou do chão uma lata de refrigerante e amassou-a sob o constante espreite do mendigo.

— Queima, desgraçada! Queima! QUEIMA! — berrou desvairado. Preocupado, o mendigo interferiu:

— Ei mininu. U que qué queimar aí, heim? — deu um pescoção por cima do ombro de Roeh. — Me dá um pouco do que você tá queimando aí. Um tirinho só pô véi...

— Saia daqui! — gritava focando a lata!

— Poxa, apruveita e queima a palhinha tamb... — para infelicidade do mendigo, além de não ter conseguido terminar a frase, tombou no chão devido ao urro enfezado de Roeh. Apesar da queda, sua expressão era de admiração. Não só os dedos, mas todo o braço do garoto ardia em chamas. Em segundos, a potência levou a lata ao seu estado líquido. Aquele mesmo fulgor se refletia no interior de sua íris, concedendo-lhe um aspecto dourado que sugeria sentenciar o mendigo a um julgamento eterno.

— Satanás! — disse o indigente.

Em seguida, o fogo apagou, retornando também a cor castanha de seus olhos. O mendigo ajoelhou aos pés de Roeh, em reverência.

— Pu favô, sinhô das trevas. Perdoe meus insultos e poupe minha alma.

Confuso, e com medo de ser visto, Roeh tocou a cabeça de seu adorador e em solavancos abençoou.

— Seja bom e... e não, não... não roube nem mate. Amém! — fugiu deixando o mendigo de mãos em louvor aos céus.

— Ó Senhô, perdoáí-me. Fui tucado pelu demonho. Purifique minha alma!

Um jato de água surgiu do céu e banhou o mendigo, mas não com água benta, e sim, com chorume arremessado por cima do muro por um morador.

— Se é para berrar, faça isso na igreja, seu maluco. Deus não é surdo! — advertiu.

Na opinião de Roeh, aquele dia deveria acabar, e com receio da situação, decidiu procurar Gail, para juntos, tentarem entender o que estava acontecendo.

— Ei, Roeh. Por que não passou em casa para pegar o rastreador térmico para seu trabalho de ciências?

Roeh não deu ouvidos, visto estar preocupado fechando portas e janelas da garagem.

— Roeh, você me ouviu? — questionou Gail preocupado. Roeh deixou apenas uma luminária acesa.

— Você precisa me ajudar. — pediu nervoso.

— O que aconteceu, cara?

— Eu tô pegando fogo! — esclareceu, certificando-se de que não estavam sendo vigiados.

Gail arqueou a sobrancelha.

— Qual é Roeh. Você entra aqui, fecha tudo, apaga as luzes e vem me falar que está com fogo?

Roeh deu um soco na mesa.

— Eu não estou brincando!

— Calma. Conte o que aconteceu.

— Eu estou pegando fogo! — pensou um pouco e reformulou. — Meu corpo, de vez em quando, está pegando fogo.

— Tá de sacanagem!

— Não estou não.

— Tá dizendo que pega fogo e ainda está aqui, vivo?

— Me pergunto até agora. Por isso vim até aqui. Preciso de ajuda.

— Tipo?

— Sei lá.

Por não notar diferença alguma, Gail supôs que Roeh estivesse bêbado ou drogado, mas evitou o comentário para não o perturbar.

— Me mostra. — pediu Gail.

— Não posso.

— Por quê?

— Eu não controlo. — elucidou. — Simplesmente aconteceu. Estou desesperado.

— Se eu não puder ver, não tem como ajudar.

— Você está duvidando, não é? Pois bem... — Roeh tentou procurar algo na garagem para servir de demonstração, sem sucesso.

— Talvez precise ficar irritado. Se me lembro bem, foi nessa condição.

— Irritado? Tipo bravo?

— Isso.

— Bom, e eu te irrito de que forma?

— Sei lá.

Quando nos é requisitado o insulto, ele não vem. Mas quando brota do coração, surge tão natural quanto uma diarreia. Gail não sabia por onde iniciar, mas o desespero na face do amigo era tão comovente, que decidiu atirar no escuro.

— Seu idiota!

Roeh franziu a testa.

— Sua mãe é uma porca imunda!

Nenhuma reação.

— Você é um burro e não sabe porcaria nenhuma, além de viver nas minhas custas!

Roeh arqueou uma sobrancelha, em discórdia.

— É para irritar e não humilhar.

Gail riu constrangido.

— Tenho sonhos eróticos com sua irmã!

A perplexidade estampou a cara de Roeh.

— Gail, qual é. Não quero saber de seus desejos pornográfico. Quero algo irritante. Sei lá, você me conhece a um tempão e deve saber de algo que...

Uma pá de construção acertou a testa de Roeh, derrubando-o no chão.

— Ei, você é louco? — repreendeu com a mão na testa.

Gail elevou a pá e executou um segundo golpe, desmontando o corpo de Roeh. Antes da terceira pancada, rolou e engatinhou para longe.

— Pare com isso Gail. Você vai acabar me matando! — o terceiro golpe zuniu em seu ouvido. Desesperado, afastou-se aos tropeços até ser encurralado.

— Pode parar. Não precisa disso! — Gail parecia não dar ouvidos. — Gail, corrija-me se eu estiver errado, mas você começou isso para me ajudar e agora pegou gosto, é?

A quarta pancada só não acertou a cara de Roeh, pois o instinto o fez usar os braços para se defender. E ao invés de parar, acabou por incentivar Gail nas pancadas, martelando o amigo no chão, rindo endoidecido.

— Pára Gail. Pára. PÁRA! — em seu último grito, Roeh estendeu a mão e segurou o cabo da pá, interrompendo o ataque. O brilho dourado tomou frente a íris castanha, acompanhada das dançantes chamas em suas mãos. Assustado, Gail afastou-se enquanto presenciava a pá incinerar-se.

— Deus é pai! — exclamou Gail. — Você pegou fogo, cara.

Dolorido, Roeh resmungou:

— Eu te disse.

— Desculpe, mas eu precisava ver. E foi impressionante. Não machuca?

— Não. — Roeh se levantou.

— Cara, que doideira. Nunca vi isso. Você parece um daqueles heróis dos gibis.

Roeh alisava os braços na tentativa de amenizar a dor das pazadas.

— Só que não consigo controlar quando surgem.

Gail sentou-se perdido em pensamentos.

— O que eu faço? — requisitou Roeh.
— Bom. Eu não tenho a mínima ideia. Você pega fogo sem se machucar. Isso é bizarro. Você devia procurar um canal de televisão.
— Gail!
— Ok, ok. Tudo bem. Vamos fazer o seguinte. Vamos até a escola.
— Para quê?
— Vamos falar com o professor Dani.
— O professor de ciências? Ele me reprovou hoje porque não entreguei o trabalho!
— Esqueça isso. Ele poderá nos dar uma explicação sobre o que aconteceu com você.
— Melhor não. Se isso espalhar, irá piorar.
— Não vamos contar para ele. — explicou Gail. — Vamos apenas questionar sobre um ser humano pegar fogo. Com isso conseguiremos pelo menos uma pista.
— Entendo.
Gail abriu a porta da garagem.
— Vamos.
— Antes de ir preciso de um boné e um óculos de sol.
— Para que?
Roeh sorriu com certo constrangimento.
— Inspetor Joh.
Gail riu e ambo partiram para a escola.

As aulas no colégio eram divididas manhã, tarde e noite. Dani, o professor de ciências, era um caso à parte, pois diferente dos

demais, preenchia seu tempo livre no laboratório, causando estranheza até mesmo no diretor.

Roeh e Gail entraram sob a vigilância desconfiada do inspetor Joh, cuja sensação era de ter visto o moleque de boné e óculos escuros, porém, a natureza chamava, e desta vez, ignorou sua intuição por conta da indigestão.

— Não precisa se esconder, cara. Ele deu linha. — alertou Gail para Roeh, escondido na camiseta igual tartaruga dentro do casco. Só retirou o rosto depois de espiar por um furo e certificar da verdade.

— Para onde agora?

— Ué, para o laboratório, é claro.

— Sim, eu sei. Mas por onde? — indagou Roeh.

— Roeh. Você não sabe onde fica o laboratório? — cruzou os braços e arqueou os ombros. — Cara, você está nesta escola desde o primário.

— Ah, quem se importa com o laboratório? Eu não vou ser nenhum cientista e nem físico nuclear!

— Mas cara, tivemos aula lá semestre passado com o professor Dani. Ele ainda comentou sobre o trabalho valer no lugar da prova.

A face de Roeh se enrijeceu.

— Vamos ficar aqui discutindo bobagem?

O silêncio seguinte foi suficiente para ambos saberem a resposta.

Após lances de escadas e trespassar por corredores, Gail e Roeh chegaram até o laboratório da escola. O lugar era amplo, com

janelas de vidro por toda a parede, semelhante a um aquário. Roeh avistou o professor caminhando de um lado para o outro, anotando e vistoriando pertences.

— Ok. Como vai ser?

— Não tem essa de como vai ser, Roeh. Vamos entrar e falar com ele. Deixa comigo, ok?

Roeh acreditou na esperteza ímpar do amigo.

— Professor Dani! Você por um acaso leu, O Quarteto Fantástico? — disse Gail adentrando ao laboratório.

— Perdão? — respondeu Dani, sob um encarar perplexo pela entrada bárbara do aluno.

Dani era conhecido por ser um professor avoadado. Não participava com regularidade das reuniões da diretoria, dedicando-se apenas ao que lhe era interessante. O cabelo ruivo bagunçado o tornava um tanto exótico.

— Leu ou não? — Gail sorria, retribuído com frieza digna de um tapa na cara.

— Não! — respondeu o professor sem a mínima vontade. Desarmado, Gail atacou por outro lado.

— Na verdade, estamos aqui para resolver o problema de uma aposta.

— Não tenho tempo para apostas. Deveriam aproveitar melhor o tempo terminando seus trabalhos escolares à tempo. — alfinetou, se referindo a Roeh e sua recuperação em ciências.

— É uma história de super-heróis. Um dos membros é o Tocha Humana, a qual consegue atear fogo em si, sem se machucar. Para Roeh, um poder assim só pode ser através da venda da alma para o diabo.

Dani não deu ouvidos e Roeh esbanjou aversão.

— Eu disse que havia uma explicação científica.

Nenhuma reação do professor.

— E sabe qual a resposta dele? — Gail sorria sabendo do impacto de suas próximas palavras. — Não há explicação científica e tudo era obra do cramunhão.

Desta vez, Dani parou, ajustou os óculos e deixou as anotações de lado.

17

Dani decidiu responder à pergunta, mesmo lhe ocupando parte de seu tempo.

— Não fico explicando teorias sobre personagens de histórias em quadrinhos, mas, neste caso, vou abrir uma exceção, afinal, acho que fará bem para a mente de vocês. Talvez incentive vocês a estudarem. — repetiu a cutucada.

Roeh não conseguiu captar se era insulto ou elogio. Decidiu pelo insulto.

— Estamos ouvindo! — disse Gail cutucando Roeh para prestar atenção.

Dani ajustou os óculos.

— A pele humana, como quase todo o órgão celular vivo, não tem tolerância ao fogo. Isto quer dizer que, extrapolando os limites, ela queimará e derreterá. — retirou as mãos do bolso e cruzou os braços. — E um homem flamejante, se tivesse a capacidade epidérmica de suportar o calor a esse nível, não seria obra do diabo. — era visível o descontentamento com o comparativo.

— Então? — incentivou Gail.

— Teoricamente, as mitocôndrias, uma das organelas celulares importante do nosso corpo, relevante para a respiração celular, poderia gerar calor suficiente para inflamar um corpo, pois é a responsável por obter energia para as células. Já houve casos de combustão espontânea em humanos, apesar de não terem sido comprovadas. Conforme falei no início, a pele

humana não tem essa resistência. Aos quarenta e dois graus, as proteínas começam a cozinhar e todo o organismo entra em pane. Qualquer valor acima disso é fatal. — voltou a colocar as mãos no bolso.

— E se o fogo não esquentasse a pessoa? Digo a pele?

— Se o fogo não queima, qual a serventia de um tocha-humana? Iluminar o escuro?

Roeh desfez o riso ao notar a indiferença de Dani.

— Sim, entendo. Mas digo, e se essa chama pudesse esquentar tudo, menos quem controla?

— Nesse caso, seu desejo está fora da esfera científica. O fogo é fato, uma verdade absoluta e irrevogável. Portanto, não se considera em momento algum na ciência, um fogo sem queimar. Se houver, não deve fazer parte do que conhecemos como existência.

— Portanto, é impossível! — afirmou Gail.

— Não diria impossível, e sim, impraticável para os nossos padrões.

— Excelente. Foi esclarecedor. Obrigado, professor Dani.

— Agora com licença. Tenho trabalho a fazer. — Dani esbanjou uma face azeda e deu as costas. A princípio, Gail não entendeu, mas ao tocar o ombro de Roeh para irem embora, compreendeu o motivo da irritação.

Roeh estava dormindo, em pé.

Roeh esfregava o rosto na tentativa de afastar sua sonolência. *Areia nos olhos*, dizia sua avó.

— Posso te perguntar uma coisa? — questionou Roeh.

— Claro.

— Como conseguiu fazer o professor Dani falar com a gente? Ele não parecia disposto e de uma hora para a outra, resolveu colaborar.

— Simples, Roeh. Para qualquer aficionado pela ciência, afrontar seu conhecimento é igual insultar a mãe. Após misturar religião, não me admiraria se ele tirasse a cueca pela cabeça.

— Mas você falou do capeta, demônio. Isso não é religião.

— Ah, e daí? É tudo loucura de mesma procedência.

— E o que vamos fazer quanto ao meu problema? Eu não vi solução nenhuma.

— Você estava dormindo, Roeh.

— Sim, claro. Mas estaria acordado se fosse interessante.

— Roeh, tecnicamente, você não pode se atear fogo sem se matar. Ou seja, se no planeta não existe essa possibilidade e nenhum ser vivo aqui pode fazê-lo, você tem algum dom alienígena.

— Talvez eu tenha sido abduzido e não percebi.

— Te enfiaram sondas no cu. — Gail desatou a rir.

— Vá se foder, Gail.

— Labaredas anais.

Houve um silêncio entre os dois, irrompido por Roeh.

— Mas digamos ser algo real.

— O fogo na raba? — Gail sentia-se um comediante.

— Não! Sobre as chamas serem alienígena.

— O que tem?

— Como entrei em contato com isso?

Gail coçou a cabeça.

— Não tenho a mínima ideia. Deixaremos isso para depois.

— Depois?

— Você disse não controlar o fogo, certo?

— Sim. Se manifesta sozinho. Tentei fazê-lo ativar, mas não consegui. Lembro-me de manhã, onde meu quarto estava cheio de fumaça. Até mesmo o cachorro do vizinho achou esquisito.

Gail ouvia com atenção.

— Cachorros sentem essas paradas. Algo mais?

— Sim, no ônibus. Um babaca com um filho merda me incomodaram tanto que eu os joguei para fora num lampejo de raiva. E teve o mendigo.

— Mendigo?

— Sim, um indigente próximo a mim quando tentei ativar o fogo.

— E conseguiu?

— Não. Eu tentei, mas nada acontecia, até que o velho me aborreceu tanto que o fogo...

— É isso! — concluiu Gail. — Você não o controla porque ainda está no início. É igual aprender a andar. Aos poucos o corpo vai se adaptando e se acostumando, até obter domínio.

— Está me dizendo que vou conseguir controlá-lo, sem precisar fazer nada?

— Quase isso. Deve ser algo em processo, e daqui a pouco, será tão mecânico quanto mover um braço.

— Isso é verdade. A ocorrência desses desastres flamejantes vem aumentando durante o dia. Portanto, só nos resta esperar.

— Esperar? — a face de Gail se enegreceu. — A partir de amanhã, depois da escola, iremos para minha casa.

Desatou a andar enquanto Roeh, ainda imóvel, gritava.

— Para sua casa? O que vamos fazer lá?

Gail se virou, com olhos vidrados.

Chegou em casa após o horário do jantar, a fim de minimizar a bronca por conta da segunda reprova. Entretanto, ao atravessar a sala, deu de cara com sua mãe e um homem, sentados na penumbra, frente à televisão.

— Oi, Roeh. — sua mãe sorriu.

— Aconteceu algo?

— Por que não se senta aqui pertinho? — deu tapinhas no sofá.

Roeh desviou a atenção para a visita.

— Eu tô bem aqui. Pode falar.

O velho cochichou.

— Filho, veja bem. Só queremos conversar. Poderia por favor, vir aqui?

— Quem é esse cara?

Outro cochicho ao pé do ouvido.

— Sente-se, e eu explicarei, filho.

— Eu disse que estou bem em pé.

No terceiro cochicho, Roeh se exaltou.

— Vai abrir essa boca logo, ou vai ficar só tagarelando no ouvido da minha mãe?

Quando pretendeu cochichar pela quarta vez, a mãe de Roeh o interrompeu, tirando de um saco plástico um lençol todo chamuscado.

— Encontrei isso jogado no lixo.

Roeh empalideceu.

— Além disso, notei fuligem no chão do seu quarto. Quando verifiquei em baixo, descobri os mesmos queimados no colchão.

As mãos do garoto suavam e as pernas, tremelicavam.

— Ainda não falei com seu pai, mas a julgar pelo seu comportamento irritado de hoje de manhã, em conjunto com essas coisas, não tive opção...

— Mãe, quem é esse cara? — Roeh estava cagado de medo.

— Sou o reverendo Pennus, e vim em nome de nosso senhor Jesus Cristo, expurgar o demônio que se alojou nesse lar, e se encostou em você.

— Mas que merda é essa? — a tensão nos ombros de Roeh suavizaram em segundos. — É isso? Só porque tem uns queimadinhos no lençol e colchão, e eu estar de mal humor, é porque tem a bosta de um demônio dentro de casa? Faça me o favor...

— Filho, não fale assim. O reverendo só quer ajudar.

— Mãe, se tem um demônio aqui dentro, é o gato safado. Exorciza ele!

— Mânê! O Roeh ficou de recuperação em ciências! — berrou Syl, passando correndo, do quarto para cozinha.

— Puta merda... — Roeh arqueou as costas. — Aproveita e expurga essa menina junto.

— Roeh, você pegou outra recuperação?

A tensão voltou.

— Mãe, agora não. Estamos tratando aqui de um assunto sério!

O silêncio constrangedor foi quebrado pela entrada repentina de uma repórter, ao vivo, entrevistando o malabarista peniano do semáforo.

— *Estamos aqui, no semáforo da cidade, numa entrevista exclusiva com o rapaz mais “famoso” da cidade. O malabarista de consolo flamejante, Lildo. Olá, tudo bem?*

— *Tô bem. — respondeu enquanto dois dos seus artefatos balangavam de um lado para o outro.*

— *O “povo” quer saber: de onde veio essa ideia tão original?*

— *Ah, cê sabe comê. Nós, artista di rua, estamos sempre fazendo coisa novo. Nós somos criativu.*

— *Entendi. E você não teve medo de ser linchado pela população, ou preso por atentado ao pudor, visto se tratar de um ato obsceno?*

— *Num sei o que é ocenu, mas o pessoal mi ajuda, pois valorizam meu trabalho. Tô no sinal há três anos. Inclusive, já mi pediram pa ser garoto popraganda..., ops, dá licença, moço, que o sinal abriu. Abraços!*

— *E lá se vai mais um “artista de rua” que, curiosamente, teve sua arte estimada mais do que saneamento básico nessa cidade. Resta saber se isso é uma esquizofrenia passageira ou mal caratismo de uma sociedade que considera malabares fálicos mais interessante que desenvolver a cultura local. No fim, sabe o que todos tem mais? Mais é que se fod... — a câmera corta para o âncora do noticiário.*

— *Esportes!*

Quando a reportagem terminou, Roeh havia fugido às pressas para seu quarto, fechando a porta.

— Tudo bem. Vamos devagar com ele. — salientou a mãe.

— Esses demônios estão em todo lugar. — comentou Pennus, horrorizado com a televisão.

Em seu quarto, Roeh deitou-se sem ao menos tomar banho, e apagou em questão de minutos, pois a única preocupação que tinha naquele instante, eram as últimas palavras do amigo:

— *Para sua casa? O que vamos fazer lá?*

Gail se virou, com olhos vidrados.

— *Vamos treinar!*

